



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

## Em defesa do ato de ensinar

Maria Claudia Coutinho Henrique (PIBID/FILOSOFIA/UEPB)

[claudiahc Coutinho@gmail.com](mailto:claudiahc Coutinho@gmail.com)

José Cândido Rodrigues Neto (PIBID/FILOSOFIA/UEPB)

[Jcrneto13@gmail.com](mailto:Jcrneto13@gmail.com)

Professor Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira (UEPB)

[provalmir@gmail.com](mailto:provalmir@gmail.com)

**RESUMO:** Muitas teorias sobre processos educativos vêm sendo discutidas no mundo acadêmico desde sempre. As formas de ensinar são debatidas incessantemente por teóricos da educação como, por exemplo, didáticas de ensino, práticas pedagógicas, abordagens de conteúdos e muitos outros assuntos da área da educação. Nosso intuito neste trabalho é mostrar que, nesses processos de aprendizagem e ensino, o professor tem um papel fundamental, pois é este o profissional que tendo sido preparado para tal propósito, vai ter a qualificação para conduzir o aluno ao aprendizado, fazendo a mediação deste com o conhecimento. No entanto, quando falamos de mediador, não pretendemos mostrar o professor como mero animador ou facilitador do processo educativo, nossa intenção é enfatizar que o professor deve assumir uma postura de educador, no entanto tal postura não deve ser autoritária, mas de colaboração sem deixar de lado o ato de ensinar. O construtivismo prega que o educando deve ter a curiosidade estimulada e que este deve aprender através das suas experiências empíricas, contudo, a mesma teoria baseada nas ideias do biólogo Piaget coloca o professor como um mero animador desse processo e enfatiza-se ainda que o docente aprenda com o aluno assim como o aluno aprende com o professor. Essa teoria escusa, por assim dizer, o professor como o adulto que transmite o conhecimento para o aluno, passando ele a ser um mero facilitador do aprendizado. Nesse trabalho pretendemos fazer uma defesa do ato de ensinar, pois acreditamos que a figura do professor é de essencial importância na educação de pessoas de todas as idades. Nossa intenção é a busca pela valorização destes profissionais que visam trazer à luz os educandos para que estes possam ascender não só intelectualmente, mas principalmente para a vida.

Palavras chave: Ensino; Mediação; Processos Educativos.

Muitas teorias sobre educação e ensino surgiram durante a história, algumas com mais força, outras com menos. O construtivismo está entre as mais famosas e comentadas. Até os dias de hoje esta teoria divide educadores e estudiosos pelo mundo. Baseado nas ideias de Piaget, o construtivismo procura estimular a curiosidade do educando, uma vez que o aluno é incentivado a encontrar as respostas para seus questionamentos a partir das suas experiências, da sua noção de realidade e de sua convivência com os colegas. No construtivismo o erro do



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

aprendiz não é visto como uma falta, mas como um trampolim para que se chegue ao acerto através das experiências e as noções básicas surgirão com a interação da criança com o meio em que vive. Essa teoria dispensa, por assim dizer, o professor como o adulto que passa o conhecimento para o aluno, passando ele a ser um mero facilitador do aprendizado.

Além de incentivar que o aluno “aprenda” praticamente sozinho, o construtivismo ainda condena as avaliações rígidas e a padronização destas já que o intuito seria levar em conta a auto avaliação de cada educando em particular. Mais uma vez, podemos perceber a ênfase que se dá ao aprendizado não guiado e sim uma educação facilitada pelo educador:

“A aprendizagem ocorre a partir da ação do indivíduo sobre o meio, considerando-se a percepção que ele tem da realidade – o aluno tem que construir o conhecimento, enquanto cabe ao professor, apenas, como o próprio Piaget (1988a) afirma, ser um animador no processo pedagógico. Não cabe a ele transmitir os conceitos científicos, mas sim facilitar ou mesmo somente colaborar com o processo de aprendizagem dos alunos, apresentando situações-problema a serem resolvidas. Acredita-se que essa postura proporciona aos alunos autonomia moral e intelectual.” (FACCI, 2004, p 122)

Baseado no ideário construtivista, podemos notar que o professor toma o lugar de uma coisa dispensável, pois sendo ele um facilitador ou um animador do processo educativo ele é substituível por um indivíduo sem formação na área da educação. Assim sendo, o construtivismo desvaloriza também a escola como espaço de aprendizagem, não cabe a escola dispensar os meios para que o aluno aprenda, a didática, o currículo e as ementas não são mais instrumentos em que os educadores baseiam suas aulas e passam o conhecimento. Nesse sentido podemos perceber que o construtivismo não só prega a educação não dirigida, mas também a desvalorização do trabalho do professor.

Mesmo quando se fala da teoria do professor reflexivo, se fala nessa reflexão no sentido do educador refletir sobre suas práticas educacionais, aprendendo a aprender, levando sempre em conta os ideários construtivistas. O construtivismo, quando coloca a criança no centro de seu ideal acaba por esquecer e desvalorizar o aluno, o professor e a escola.



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

Tudo isso nos faz pensar sobre a formação do professor em meio a teorias que, na melhor das hipóteses o transforma em um “animador” de processos que carecem de orientação. Sobre a formação do professor reflexivo Facci (2004, p130), enfatiza sua posição, de que não se pode concordar com a formação de professores reflexivos uma vez que essa reflexão é sobre a prática a partir da própria prática e não pela apropriação de um conhecimento que leve esse professor e ter uma clareza sobre sua prática. A autora ainda fala que não se deve concordar muito menos com a ideia de um professor “animador” ou facilitador do processo ensino-aprendizagem.

Alguns teóricos enfatizam que o processo de humanização se dá através da apropriação das objetivações humanas. E um questionamento surge, como pode o ser humano se apropriar das objetivações humanas se o que conta não é o que se aprende, mas como se aprende?

Muitos teóricos da educação tentam, de maneira equivocada, casar as teorias de Piaget com as de Vigotski. Os dois pensadores tinham visões opostas sobre a educação e os processos educativos, diferente de Piaget que focalizava o indivíduo como unidade de análise, Vigotski enfoca a interação social. Sua unidade de análise não é nem o indivíduo nem o contexto, mas a interação entre eles. “A interação social é, portanto, na perspectiva vigotskiana, o veículo fundamental para a transmissão dinâmica do conhecimento social, historicamente e culturalmente construído.” (Moreira, 1999, p110).

Vigotski defendia que a aprendizagem se dava pela interação entre um ser menos desenvolvido com um mais adulto desenvolvido, essa seria a interação entre o aluno e o professor. As crianças geralmente não crescem sozinhas, elas interagem com os seus parentes, adultos e crianças, se apropriam do contexto histórico que constituem a cultura da sociedade em que vivem. Na adolescência e velhice os seres humanos continuam se relacionando socialmente. Para Vigitski essa interação é fundamental para o desenvolvimento linguístico e cognitivo de qualquer indivíduo. Para as crianças, principalmente, os mecanismos de interação são difíceis de identificar, quantificar e qualificar, daí vem a importância da orientação que um adulto deve dar a criança.



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

Enquanto Piaget enfatiza a educação não guiada, Vigotski destaca a importância da orientação para que o aluno seja bem sucedido em suas interações educacionais. Isso não significa dizer que o professor será um ditador de regras, intransigente e carrasco, muito menos que o aluno se coloque ou seja colocado em uma posição de submissão ou de inferioridade. Como mostra o Professor José Luís Vieira em seu texto Os fundamentos da Mediação Pedagógica, a relação entre educando e educador, a educação, passa por um processo de mediação, assim sendo não pode existir educação sem a mediação. O que não significa que essa mediação deve ser uma facilitação da aprendizagem. O professor destaca que nessas relações de mediação há necessariamente planos opostos e não-antagônicos, o aluno, que está no plano do imediato, e o professor que está no plano do mediato.

A relação professor – alunos, compreendida a partir do Ser social e da mediação, coloca estes termos como opostos não-antagônicos. Se eles são opostos não podem ser iguais porque um nega o outro. Eles são não-antagônicos, ou seja, negam-se, explicam-se e se completam mutuamente, mas nunca são iguais. Por isso o professor não pode aprender com o aluno e o aluno não pode ensinar ao professor, pois ensinar está no plano do mediato e aprender está no do imediato e vice-versa. (VIEIRA, 2007, p110)

O construtivismo tenta de certa forma mostrar que o aluno pode ensinar ao professor e que de alguma forma deve-se respeitar o cotidiano e a subjetividade de cada um em particular. Porém os fatos sociais não são particulares nem distintos para cada indivíduo, aprendemos mais pela historicidade do que pelo cotidiano isolado de nossas relações com o meio em que vivemos. Assim sendo faz-se necessário que a criança desde sua primeira educação conheça os processos sociais e culturais pelos quais o mundo passou e possa compreender o momento atual da sociedade em que vive. Tal educação só pode ser passada por uma pessoa com mais conhecimento e experiência. Nesse sentido Vigotski, baseado no método dialético em Marx, afirmava que a interação entre a criança enquanto ser em desenvolvimento e o adulto enquanto ser desenvolvido é a principal fonte impulsionadora do desenvolvimento cultural da criança. Portanto, a análise do



# IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB  
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

desenvolvimento da criança precisa ser feita partindo do mais desenvolvido para o menos desenvolvido, ou seja, do professor para o aluno.

O ato de ensinar deve sempre passar por reavaliações, conceitos devem sempre ser debatidos e questionados, porém não podemos esquecer que desde sempre existiu a educação passada de um educador para um educando e que teorias que enfatizam a aprendizagem não dirigida não levam em conta o indivíduo-sociedade. Não há espaço para subjetividades e relativismos que negam a importância de uma educação guiada e tentam de toda forma desvalorizar e esvaziar a função e o trabalho do professor. Pensar a educação é pensar nos processos educativos que visem a evolução e a superação do homem, buscando sua autonomia, não no sentido de aprender sozinho, mas no sentido de superar seus conhecimentos buscando cada vez mais o enriquecimento histórico, cultural e social que só a educação pode proporcionar.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, José Luís Vieira de. **Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática**. São Paulo, 2007, Edições Loyola. P. 72-118.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões? Quatro ensaios críticos-dialéticos em filosofia da educação**. São Paulo, Autores Associados, 2003, p. 39-83.

FACCI, Maria Gonçalves Dias. **Valorização ou Esvaziamento do Trabalho do Professor? Um estudo crítico comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana**. São Paulo, Autores Associados, 2004. p. 121-132.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo, EPU, 1999.p. 107-119.